



8 a 13 de out de 2018

IGREJA EVANGÉLICA DA PAZ

Seriedade na Palavra

Rua Silva Jardim, 503 – Macuco – Santos/SP – 11015-021

Tel. (13)3232-4337 – email: iepaz@terra.com.br

Whats App (13)98126-0055 – Facebook.com/iepaz.santos

ONOMATOMANCIA – A SUPERSTIÇÃO DOS NOMES

(Gn. 32.27-30)

Pr. Elias Soares de Moraes

INTRODUÇÃO

Já vem de longe a superstição de que o nome pode exercer influência no caráter e no destino da pessoa do seu portador. Pois é bem conhecida de todos a expressão proverbial dos romanos que diz: “*Nomen est Omen*”, isto é “o nome é um algúrio”.

A. Dalzat, citado pelo renomado filólogo brasileiro, prof. Rosário Farâni Mansur Guérios, afirma que: “*Os romanos denominavam o recém – nato Fortis, não porque o mesmo era ou parecia robusto, mas para que o fosse*”.²

“*A importância que os antigos conferiam aos nomes próprios foi ao princípio mui razoável, porém degenerou-se bem depressa numa ideia supersticiosa. Persuadidos de que havia um poder misterioso em cada nome e de que estes nomes tinham uma influência direta sobre aqueles que os usavam, eles davam-se a um grande cuidado para escolher alguns cujas significações fossem de feliz sorte*”.³

Platão no seu Cratylus, de uma forma exagerada “*reconhecia nos nomes próprios uma certa virtude profética, uma espécie de fatalidade que lhe andava anexa, e que determina a maneira de existir, como Agis, Agesilau etc., que (diz ele) anunciam de antemão a qualidade governativa, ou aquela autoridade de que os príncipes são revestidos*”.⁴

Jose Leite de Vasconcelos, filólogo português, em sua obra “*Antroponímia Portuguesa*”, diz: “*Às vezes aos nomes se ligam superstições*”. E, segue dizendo: “*Contou-me o meu amigo e colega o professor Amzalak que quando um judeu está gravemente enfermo se costuma fazer na sinagoga uma oração para se lhe mudar o nome, e ele assim mudar de sorte; os nomes escolhidos, que é quase sempre Rafael, pois esta palavra significa: “Deus curou”, passa para a vida oficial, depois de se lavar um auto*”.⁵

“*A Igreja Romana, com base nessas superstições, exerceu influência considerável sobre os seus fieis, no momento em que buscavam um nome para impor aos seus filhos. Ela empenhou-se sempre, desde os primeiros tempos, em que os seus fieis tivessem nomes santificados*”.⁶

W. Meyer Lübke, em sua Introdução ao Estudo da Glotologia Românica, diz: “*Os nomes dos mártires desempenharam um papel fundamental na Igreja; o dos patronos, cujo nome se punha aos meninos na pia batismal, como sinal de bom algúrio*”.⁷ J. Leite de Vasconcelos (opus cit) faz menção ao ritual de Paulo V (1614), que aconselha: “*De batismo, se escolham quanto possível nomes santificados, (...) pondo-se-lhe o nome do santo ou santa dizem as mulheres que ela é mais frutuosa; não se lhe pondo, pode acontecer tolher-se-lhe a sorte*”.⁸

Sobre esse assunto, assim se expressa R. Bluteau: “*No sacramento do batismo, a imposição do nome é uma espécie de advertência, para a perfeição da vida, a que os padrinhos devem dispor os afilhados, para um dia terem os seus nomes, escritos no livro da vida, e serem do número dos que diz S. Paulo, “Quorum nomina sunt in libro vitae” (cujos nomes estão no livro da vida - Fp. 4.3)*”.⁹

Essa crença difundiu-se de tal maneira entre os antigos, que tanto “*na Mesopotâmia como no Egito, o conhecimento do nome era tido por sagrado. Os antigos filósofos gregos admitiam até que existe um traço de união entre as coisas e o nome. Designar, é chamar à vida. Conhecer o nome de um deus, é tê-lo à sua disposição. Na lenda de Ísis, no Egito, vemos o deus Rá, mordido por uma serpente, suplicar a deusa-maga que o cure; e ela, em primeiro lugar, exigir-lhe que pronuncie o seu nome segredo da sua força*”.¹⁶

Infelizmente essa credence tem sido amplamente propagada até mesmo no meio evangélico. E muitos cristãos sinceros, por desconhecerem as doutrinas basilares do Cristianismo, e ignorarem textos áureos como: Gl. 3.10-13; IICo. 5.17 e Ef. 1.3 etc., têm aceitado passivamente essa heresia, ora denominada “**Superstição dos Nomes**”.

Segundo os apologistas dessa “superstição”, existem nomes próprios que trazem prognósticos negativos, pelo fato de estarem carregados de maldição. Eles chegam a tal ponto de atribuir a esses nomes certo poder de predestinação. Nem mesmo Geppeto, personagem infantil do livro “Pinóccio”, escapou dessa influência supersticiosa. Conta-nos, o autor, que assim que Geppeto terminou de fazer o boneco de madeira, perguntou para si mesmo: “Que nome lhe darei? Hum! Vou chamar-lhe Pinóccio. É nome que lhe dará felicidade. Conheci uma família inteira de Pinóccios. Pinóccio pai, Pinóccia mãe, Pinóccios filhos – e todos eram felizes”.¹⁰

Coincidência ou não, o nome Pinóccio é, geralmente, atribuído de maneira jocosa, àqueles que são acostumados a faltar com a verdade. E, neste momento, parece-nos bastante oportuno atribuí-lo a esses tais onomatomantes, místicos de plantão, difusores desse “outro evangelho” (Gl. 1.6-9).

Diante do exposto, é de todo necessário analisarmos o presente tema à luz das Escrituras Sagradas, nossa regra de fé e conduta e fonte de autoridade, a fim de que possamos dar respostas à essa questão que tanto prejuízo tem causado no meio evangélico.

I – ARGUMENTO ETIMOLÓGICO

A palavra *nome*, no hebraico “*shem*” e no grego “*onoma*”¹¹, segundo o Dicionário Aurélio é oriunda do latim “*Nomen*”, “*vocábulo com que se designa pessoa, animal ou coisa*”.¹²

Na opinião de Cícero: “*Nome é o sinal característico que faz com que se conheçam individualmente as coisas*”¹³. Para Mansur Guérrios (opus cit): “*os antropônimos quando surgiram, levavam consigo um significado que, em geral, traduzia qualquer realidade condizente com os indivíduos seus portadores*”.¹⁴

Já Aristóteles, numa abordagem mais filosófica, procurava a verdade das coisas na propriedade dos nomes. Para ele o nome possuía a capacidade de traduzir o caráter da pessoa ou coisa que o traz. E para os babilônios “*não ter nome é um sinal de não existir*”. Criam, os antigos, que “*o nome é inextricavelmente vinculado com a pessoa do seu portador*”¹⁵. Era tal essa crença na antiguidade que “*Na Mesopotâmia como no Egito, o conhecimento do nome era tido por sagrado. Os antigos filósofos gregos admitiam até que existe um traço de união entre as coisas e o nome. Designar é chamar à vida. Conhecer o nome de um deus, é tê-lo à sua disposição. Na lenda de Ísis, no Egito, vemos o deus Rá, mordido por uma serpente, suplicar a deusa – maga que o cure; e ela, em primeiro lugar, exigir-lhe que pronuncie o seu nome segredo da sua força*”.¹⁶

II – NOMES QUE SEGUNDO A SUPERSTIÇÃO DEVEM SER EVITADOS

Nomes como Jacó, Mara, Cláudia e Adriana, são comumente citados pelos supersticiosos como sinônimo de mau presságio. Eles creem que esses nomes, como mencionado, já trazem um prognóstico negativo para o seu portador, por conta da carga de maldição que carregam.

Jacó, justificam, significa “*enganador*”; Mara significa “*amarga, amargura*”; Cláudia “*coxa, manca*” e Adriana traz o temido significado de “*deusa das trevas*”.

Esse costume, de excluir certos nomes por conta da superstição a eles devotada, remete-nos à antiguidade greco-romana. “*Os Gregos, por exemplo, excluía os nomes de Ariana, Dejanira, Paris, e Heictor, e os de Tantalos, e Penthea*”, por serem, segundo acreditavam, nomes infelizes. “*E o mesmo sucedia com o de Hecuba, que eles nem queriam pronunciar*”.

“*Os romanos adotaram a esse respeito todas as ideias dos gregos, e exorbitaram-nas até ao ponto de consultar os oráculos, e de fazer sacrifícios, para obterem nomes d’um significado agradável, isto por meio da revelação*”.

“*Em Roma, assim como na Grécia, empregavam-se com cuidado, tanto nas cerimônias religiosas, como nos negócios públicos ou particulares, os nomes de feliz augúrio. Queriam que as crianças que ajudavam aos sacrifícios, os condutores das vítimas, os ministros que faziam a dedicação do templo, e os soldados a quem primeiro alistavam, tivessem nomes que fossem favoráveis, e detestavam aqueles nomes que significavam coisas tristes, desagradáveis. Por esta razão nos arrolamentos, chamamento de cidadãos destinados para formarem uma colônia, e em qualquer alistamento, começavam sempre pelos nomes de Valerius, Salvius, Statorius; e olhavam como um sinistro presságio se comessem pelos de Vespelion, Noevius e Egerius. Este último era consagrado a mendicidade*”.

*“Num processo criminal que envolvia muitos acusados, principiava-se sempre por aqueles de nomes menos felizes”. Estendia-se esta mesma atenção até aos nomes das cidades, e tratavam de lhes mudar Quando parecia de mau agouro, como por exemplo: Maleventum que foi mudado em Benevent (...). “Prenomes houveram que foram deixados pelas famílias porque os julgaram próprios para acarretar desgraças”.*¹⁷

Esses depoimentos são bastante significativos, para conhecermos melhor essa prática antibíblica, cujas raízes estão nos cultos e crenças do paganismo.

É bem verdade que, existem alguns nomes, que por terem uma conotação ridícula, devem ser evitados, a fim de não expor a pessoa do seu portador a situações vexatórias, irônicas e depreciativas. Mas, evitar um nome por atribuir-lhe um poder misterioso que lhe anda anexo, capaz de prever o futuro do seu portador, é cair no engano da superstição, e mergulhar num mar de conceitos antibíblicos, como veremos a seguir.

III – ARGUMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO

A Bíblia é radicalmente contra todo e qualquer tipo de adivinhação (Lv. 20.27; Dt. 18.9-15). “E, é bem conhecido de todos que, o ato de prever o destino das pessoas, através dos seus nomes, é um tipo de adivinhação conhecido como: “onomatomancia”, cujo significado é “adivinhação fundada no nome da pessoa”.

¹⁸

3.1 – Da Imposição dos Nomes

Os nomes bíblicos eram, na maioria das vezes, impostos ou mudados com o objetivo de espelhar ou traduzir o caráter ou atributo do seu portador. Um claro exemplo dessa assertiva temos nos chamados teônimos, ou seja, nos nomes de Deus. Eles exprimem de um modo singular, um traço do seu caráter. Nomes como: El-Eliom “*Deus Altíssimo*”; El-Shadai, “*Deus Todo-Poderoso*”; Yahweh – Jiré, “*O Senhor proferirá*”; etc., falam da *transcendência*, da *onipotência*, e do *cuidado providencial de Deus*. Como podemos ver, eles são bastante expressivos. Mas principalmente os chamados teóforos, isto é, os que trazem consigo um elemento divino. Ex: (Yeshua, forma contracta de Yehoshua, “*Yahweh é salvação*”; Eliyahú ou Eliyah, “*Yahweh é Deus*”, etc.). Pois, “*exprimem a confiança filial, a gratidão, o respeito para com este ou aquele atributo da divindade, ou um voto, uma bênção.*”¹⁹

Mas havia, ainda, outros motivos da imposição dos nomes. Por exemplo: Uma característica física (Coré “*calvo*”; Esaú, “*cabeludo*”); a circunstância do nascimento: (Jacó, “*o que segura o calcanhar*”; Benoni, “*filho da minha dor*”); sentença punitiva: (Magor – Missabibi, “*Terror por todos os lados*”; Maer – Salal – Has – Baz, “*Rápido Despojo – Presa – Segura*”); um projeto de Deus: (Abraão, “*pai de uma multidão*”; Jesus, “*Yahweh é salvação*” etc.).

3.2 – Os Nomes Podem Mudar o Caráter ou Destino do Seu Portador?

A Bíblia não faz alusão a nenhuma personagem, cujo caráter ou destino tenha sido alterado por conta da imposição do nome. Pois eles não eram impostos com essa finalidade. Por exemplo, Deus mudou o nome de Abrão “*Pai elevado*”, para Abraão “*Pai de uma multidão*”, apenas para reafirmar sua promessa, feita cerca de vinte e quatro anos antes dessa mudança (Gn. 12.1-3; 17.5). O nome de Salomão “*pacífico*”, por exemplo, foi escolhido, por Deus, antes mesmo dele ter nascido. Seu nome prenunciava o caráter do seu reino (*paz e prosperidade*) e prefigurava o reinado messiânico.

Outros exemplos semelhantes temos nos nomes de Ismael “*Deus ouviu*”, imposto sob a orientação de Deus, para exprimir sua atenção à aflição de Agar. O nome de Isaque “*riso, ele ri*”, também foi escolhido, pelo próprio Deus, para lembrar o riso de Sara sua mãe. Já o nome Benoni “*filho da minha dor*”, traduzia, perfeitamente, o sofrimento de Raquel no momento de dar-lhe à luz. De todos estes, o exemplo mais clássico é o de Jesus (forma grecizada do nome Josué, do hebraico Yeshua, contração de Yehoshua, significa: “*Yahweh é salvação*”). Esse nome foi previamente escolhido por Deus a fim de proclamar a sua graça salvífica a todo aquele que crê.

IV – A DESCONSTRUÇÃO DA ONOMATOMANCIA

O vocábulo *onomatomancia* vem do grego, de *onoma* “nome” e manteia “adivinhação”. Logo, significa: “adivinhação fundamentada no nome da pessoa”. Essa é uma prática mística, esotérica e

abominável diante de Deus, assim como a necromancia, a hidromancia etc. Ela faz parte de toda espécie de prática adivinhatória.

Quanto aos nomes Jacó, Cláudia, Mara e Adriana, merecem uma consideração toda especial. Jacó recebeu esse nome por conta das circunstâncias do seu nascimento. Logo após o nascimento de se Esaú, Jacó aparece segurando ao seu calcanhar, razão pela qual, seus pais lhe chamaram Jacó, do hebraico "*Yaakob*", preso à raiz (*akêb*), "calcanhar", significa: "*o que segura o calcanhar*".²⁰ Esposam esta mesma opinião autores do porte de Gesenius, Ewald, Edward Robinson, John Haley e Mansur Guérrios. Então, de onde nos veio a etimologia "enganador" para o nome Jacó? Respondo. Veio da ira, da mágoa, e da revolta de Esaú, seu irmão, que ao ver-se privado das bênçãos da primogenitura, disse: "*Não é o seu nome justamente Jacó, tanto que já duas vezes me enganou?*" (Gn. 27.36). Nessa expressão de Esaú, o nome Jacó está preso à raiz '*akob*, com o sentido de "*enganar*", e, portanto, significa: "*enganador*". Mas esta etimologia não pode ser levada em consideração, visto ser o resultado da expressão de alguém que está irado até à morte (Gn. 27.41).

Por outro lado, Jacó nunca foi um enganador, pois afirmar que ele enganou seu irmão seria inverter os papéis. Veja que Esaú vem reclamar pelo direito de primogenitura que ele já havia vendido para Jacó. Portanto, ele não foi enganado. Vendeu seu direito a Jacó, de livre e espontânea vontade. Tanto é verdade que o escritor aos hebreus faz uma solene advertência quando diz: "*Ninguém seja fornicário ou profano como Esaú, que, por um manjar vendeu o seu direito de primogenitura. Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que, com lágrimas, o buscou*" (Hb. 12.16-17).

Por outro lado, dizer que ele enganava Labão, seu sogro, enquanto trabalhava para ele, e por isso prosperou, é excluir o agir de Deus em todo aquele acontecimento (Gn. 30.27-43; 31.9-16). Sua prosperidade foi fruto da bênção de Deus, que milagrosamente interveio na sua causa, pois muito antes de seu nome ser mudado a bênção de Deus já repousava sobre ele (Gn. 25.19-23; 28.10-15; 27.26-29; 28.1-4).

Uma outra mentira, bastante difundida, é a de que a bênção de Deus em sua vida, surgiu a partir do encontro que ele teve com o anjo do Senhor em Peniel "*face de Deus*", onde teve o seu nome mudado para Israel. A bem da verdade, daquele encontro Jacó colheu três significativos resultados, a saber: a) uma deficiência física (Gn. 32.25,31); b) a mudança de nome de Jacó "*o que segura o calcanhar*", para Israel "*campeão com Deus, o que luta ou prevalece com Deus*" (Gn. 32.28); e c) recebeu a bênção que havia pedido (Gn. 32.9-12,29).

Mas, em que consistia esta bênção que Jacó recebeu? Era uma bênção espiritual? Era prosperidade financeira? Era uma cura física? Ou ele queria apenas coragem para enfrentar seu irmão, Esaú, que muito o atemorizava? Vamos aos textos bíblicos.

Em primeiro lugar, as bênçãos espirituais e financeiras ele já havia recebido conforme Deus lho prometera (Gn. 27.27-29; 28.1-4,10-14; 30.27-43; 32.9,10; 33.11). E, em segundo lugar, a cura física ele não recebeu; pois, mesmo depois da mudança de nome, e de haver recebido a referida bênção, ele continuou coxo de uma de suas pernas, como podemos depreender de Gn. 32.25,31. Isto posto, restam apenas a última alternativa para ser analisada. Pois bem, Esaú, logo após Jacó haver tomado a sua bênção, disse: "*Vêm próximos os dias de luto por meu pai; então matarei a Jacó, meu irmão*" (Gn. 27.41).

Como é possível perceber, pelo texto a seguir, esta promessa deixou Jacó receoso de tal maneira que, quando ele soube que Esaú vinha ao seu encontro "*teve medo e se perturbou*" (Gn. 32.6-11). Veja que, Jacó, no seu temor e perturbação, ora a Deus pedindo livramento da morte pelas mãos de seu irmão, Esaú. E, na primeira oportunidade que teve, de estar frente a frente com Deus, reiterou o seu pedido o qual, felizmente, foi alcançado (Gn. 32.26,29). Após esse acontecimento recobrou o seu ânimo, e foi ao encontro de seu irmão (Gn. 33.1-3), que o recebeu em paz (Gn. 33.4-11).

O que podemos tirar de tudo isso? Que a bênção que Jacó recebeu em Peniel tinha haver apenas com aquilo que ele mais ansiava, a saber "*não morrer pelas mãos do seu irmão Esaú*", a quem tanto temia. Senão, vejamos. Depois do encontro com o Senhor em Peniel nada de novo ocorreu na vida de Jacó, a não serem alguns fatos, um tanto desagradáveis, como: A deficiência de uma de suas pernas (Gn. 32.25,31); o trágico episódio ocorrido com Diná, sua filha, que foi violentada (Gn. 34.1-2); a traição e o genocídio cometidos por seus filhos contra os siquenitas (Gn. 34.25-31); a morte de Raquel, sua amada esposa, durante o parto (Gn. 35.16-18); a venda de José para o Egito e a trágica e mentirosa notícia de

que ele havia sido devorado por uma fera do campo (Gn. 37.31-36); o ato incestuoso de Judá (Gn. 38); o triste relatório de sua vida apresentado a Faraó, por conta das várias tragédias que sofrera (Gn. 47.8-9); e sua enfermidade, já no final da sua vida, da qual não se recuperou e por isso morreu (Gn. 45.1; 49.33).

Como o leitor pode conferir, depois de Peniel, do ponto de vista material, só ocorreram tragédias na vida do patriarca. Mas antes de Peniel, com exceção do episódio de Labão, do qual saiu “vitorioso e muitíssimo rico” (Gn. 30.43), não consta na Bíblia nenhum acontecimento trágico que haja ocorrido na vida do nosso tão comentado Jacó. Quanto a haver enganado seu pai, passando-se por Esaú, sem querer eximi-lo da culpa por esse ato vergonhoso, ele o fez contra sua própria vontade, por haver sido constrangido por sua mãe, que reclamou para si todas as consequências (Gn. 27.6-12).

Mediante as provas aduzidas, a conclusão a que chegamos é que o fato do nome do patriarca ser Jacó ou Israel não trouxe nenhuma alteração para a sua vida. A aliança de Deus com ele não estava condicionada a uma mudança de nome, mas única e exclusivamente à sua graça inefável. A bênção de Deus na sua vida não se restringia à posses materiais, ou a curas física e emocional, mas em ele ser o ancestral do “*Abençoador*”, a saber, Jesus Cristo o qual descenderia dos seus lombos para trazer bênção e salvação para toda a humanidade. Portanto, dizer que o nome Jacó pode trazer influências negativas à pessoa do seu portador, é fechar os olhos para todas estas verdades espirituais, fundamentadas em provas irrefragáveis, e mergulhar no mais profundo abismo da superstição.

Quanto ao nome Cláudia, tirado de Claudus “*coxo*”, foi, em princípio, uma alcunha, uma qualidade de sobrenome, que posteriormente ocupou lugar de um nome próprio. Essa alcunha foi imposta ao primeiro que a usou por conta de uma imperfeição do seu corpo, sem ter nenhuma ligação com a ideia de um mau presságio. Já, o nome Mara, de tudo o que é dito pelos onomatomantes, não passa de mera especulação. O nome Mara é, em primeiro lugar, aplicado a uma fonte de águas amargas no deserto de Sur, e depois a uma pessoa. Pergunta-se: *Por que razão foi imposto o nome Mara, àquela fonte? Para que as suas águas tornassem amargas ou porque elas já eram amargas?* O texto bíblico responde: “*Então chegaram a Mara; mas não puderam beber das águas de Mara, porque eram amargas; por isso chamou-se o lugar Mara*” (Êx. 15.23). Esta explicação, por si só, dispensa comentários.

Como nome de pessoa, a única Mara encontrada na Bíblia é a que aparece no texto do livro de Rute. Na verdade, ela não recebeu esse nome de seus pais, mas o impôs a si mesma pelo fato de não entender o plano de Deus, através da sua vida, e por não conhecer o caráter bondoso e gracioso de Deus a quem ela atribuiu toda a causa do seu infortúnio. Quando os belemitas indagaram dizendo: “*não é esta Noemi?*” Ela respondeu: “*Não me chameis Noemi; Chamai-me Mara; porque grande amargura me tem dado o Todo – Poderoso. Cheia Parti, porém vazia o Senhor me fez tornar; por que, pois me chameis Noemi?*” (Rt. 1.19-21). Ora, de acordo com a lógica supersticiosa, era para ter acontecido justamente o contrário; pois seu nome era Noemi, o qual, segundo a interpretação de Gesenius, significa: “*minha delícia, minha suavidade*”²¹ etimologia meridionalmente oposta a do nome Mara, “*amarga, amargura*”.

Quanto ao significado atribuído ao nome Adriana “*deusa das trevas*”, é importante salientar que não tem a menor base etimológica. Adriana é um nome pátrio ou gentílico, *derivado de Adriano*, oriundo do latim, Adrianus e significa, “*de Adria*”, “*natural de Adria*”. J. J. Nunes assim interpreta esse nome: “*Adriano ou Hadriano, nome pelo qual os romanos designavam o natural de Adria (ou Hadria), antiga cidade de Itália*”.²² Mansur Guérrios (opus cit) esposa a mesma opinião quando diz: “*Adriano, do latim Adrianus ou Hadrianus, “da cidade de Adria ou Hadria*”.²³ Antenor Nascentes, de igual modo assim se expressa: “*Adriano, do latim, Adrianus, “natural de Adria*”.²⁴ Gutierre Tibón é de mesmo parecer que o nome *Adriano é oriundo do latim, Adrianus, “originário da cidade de Hadria ou Hatria*”.²⁵

Diante do exposto, cai por terra a etimologia de “*deusa das trevas*” atribuída ao nome Adriana, e prevalece, portanto, o significado, que com provas irrefragáveis de filólogos de renome no cenário internacional, temos apresentado, a saber: “*natural de Adria, da cidade de Adria*”.

E, para por fim a esse “*vento de doutrina*”, e provarmos de uma vez por todas que os nomes em nada podem influir no caráter ou no destino daqueles que os usam, recorreremos mais uma vez ao testemunho incontestável das Sagradas Escrituras, o qual é palavra final em matéria de fé e doutrina.

Os filhos do profeta Samuel chamavam-se Joel “*Yahweh é Deus*” e Abias “*Yahweh é Pai*”, no entanto, não andaram nos caminhos de seu pai e se inclinaram à avareza, aceitaram suborno e perverteram o direito (ISm. 8.1-3). O nome Zedequias significa “*Yahweh é justo ou justiça de Yahweh*”, mas, apesar disso, temos na Bíblia um personagem desse nome que era falso profeta, o qual se uniu aos

profetas de Baal, e esbofeteou o profeta Micaías, homem de Deus, praticando a maior injustiça. E outro profeta, desse mesmo nome, era imoral e mentiroso (IRs. 22.11,12,24,25; Jr. 29.21-23).

Absalão significa “*Pai da paz*”, mas, no entanto, mandou assassinar seu irmão Amnom, traiu seu próprio pai, promovendo rebelião, guerra e destruição em Israel, e morreu tragicamente com o pescoço pendurado no galho de uma árvore (II Sm. 15 a 18). Além desses casos temos os de Judas Iscariotes, cujo nome significa “*louvador, louvado*”, mas nem por isso deixou de trair Jesus; de Alexandre “*defensor ou protetor dos homens*”, a respeito do qual diz Paulo: “*me causou muitos males*” (II Tm. 4.16); e referindo-se a outro personagem desse mesmo nome diz: “*o entreguei a Satanás para que aprenda a não blasfemar*” (ITm. 1.20). E porque não citamos Tobias “*Yahweh é bom*”, opositor de Esdras e Neemias; Jeroboão, cujo nome significa: “*o que aumenta o povo*”, e que mesmo assim dividiu a nação, mergulhando-a na idolatria e conduzindo-a à destruição.

Se por um lado esses personagens, com nomes de significados tão apazíveis, não viveram à altura de corresponder com os mesmos, por outro lado temos outros, que apesar dos significados dos seus nomes, viveram de um modo digno da Palavra de Deus.

Paulo, por exemplo, significa “*pequeno*”, não obstante foi o maior dos apóstolos, um baluarte da fé, e o maior expoente do pensamento cristão. Lançou as bases doutrinárias da Igreja, difundiu o evangelho em quase todo o mundo conhecido da sua época, foi arrebatado ao terceiro céu, e partiu convicto da sua salvação. Apolo, apesar de seu nome ser de um deus da mitologia grega e significar “*destruidor*”, foi “*poderoso nas Escrituras, ganhador e edificador de almas, e tido como um grande homem de Deus ao lado de Paulo e Cefas (Pedro) (At. 18.24-26; ICo. 1.12; 3.4-6,22; 4.6)*”.

Entre os companheiros de Paulo, por exemplo, temos um Hermes que era o nome de um deus mitológico; um Hermas, nome derivado de Hermes, o intérprete dos deuses do Panteão grego; um Herodião, nome derivado de Herodes que do siríaco significa “*dragão em fogo*”; temos ainda uma Ninfa que, apesar do seu nome ser de uma deusa da mitologia grega, tinha uma igreja em sua própria casa. E, além desses, temos Narciso, nome de um deus mitológico amante de sua própria beleza; Nereu, nome do deus marinho, esposo da deusa Dóris (*ninfa marinha e mãe das cinquenta nereidas*); Febe, que é um epíteto de Artemisa, a Diana dos efésios e deusa da lua. E ainda Epafrodito, nome derivado de Afrodite, deusa da fertilidade; Zenas, derivado de Zeus, o deus supremo do panteão grego; etc. Todos estes, foram homens e mulheres abençoados por Deus, e viveram uma vida pia, santa e justa na sua presença, sem sofrerem as influências das divindades às quais seus nomes estavam ligados. Confira as seguintes passagens: Rm. 16.1,11,14,15; Cl. 4.15; Fp. 2.25-30 e Tt. 3.13.

Casos semelhantes temos nos quatro jovens hebreus, a saber, Daniel, Hananias, Misael e Azarias, os quais viveram numa corte pagã, e tiveram seus nomes mudados por outros nomes ligados às divindades babilônicas, sem contudo deixarem de ser fieis ao seu Deus, vivendo de tal maneira a levar o monarca da Babilônia a baixar um decreto, em que todos deviam temer e tremer diante do Deus de Daniel (Dn. 1.7-21; 2.46-49; 3.1-30; 6.25-28). Daniel “*Deus é meu juiz*”, foi mudado para Beltessazar “*Bel protege o rei*”; Hananias “*Yahweh é gracioso*”, recebeu o nome de Sadraque “*Decreto de Aku (o deus da lua)*”. Azarias “*Yahweh é auxílio, socorro*”, foi mudado para Abednego “*servo de Nego ou Nebo*”.²⁶

OS HOMÔNIMOS NA BÍBLIA E A FALÁCIA DA MALDIÇÃO DOS NOMES

É muito comum encontrarmos na Bíblia personagens, que apesar de diferentes, possuem um mesmo nome. E o mais curioso é que, não obstante os seus nomes serem os mesmos, suas vidas tiveram diferentes sortes, fato esse difícil de ser explicado pelos simpatizantes da onomatomania.

A Bíblia apresenta-nos dois Enoques, um que foi piedoso “*andou com Deus e Deus para si o tomou*”, e outro, descendente de Caim, cuja geração foi tão ímpia que pereceu nas águas do dilúvio. Temos também dois Hananias, um que era temente a Deus, mesmo vivendo numa corte pagã e recebendo outro nome ligado a uma divindade babilônica; e outro, que apesar das circunstâncias totalmente favoráveis, era falso profeta e se opunha ao ministério do profeta Jeremias. E por que não citamos Judas Iscariotes e Judas irmão do Senhor, cujas vidas têm histórias bem diferentes?

Além do testemunho da Bíblia, que por si só dispensa comentários, temos na história secular outros personagens, que apesar dos nomes serem os mesmos, não tiveram a mesma sorte.

CONCLUSÃO

Os depoimentos aqui aduzidos são provas irrefragáveis de que os nomes em nada podem contribuir com a pessoa do seu portador, no sentido de trazer-lhe boa ou má sorte, bênção ou maldição. Pois, independente dos nomes, qualquer pessoa que estiver vivendo distante da comunhão com Deus estará debaixo de maldição; assim como todo aquele que estiver em Cristo Jesus, mesmo que o significado do seu nome seja *“destruição ou maldição”*, estará debaixo da bênção. Pois a bênção não vem pelo nome que a pessoa possui, mas por estar em Cristo e na sua Palavra (II Co. 5.17; Rm. 8.1; Ef. 1.3; Jo. 15.1-5-7).

E, além disso, no livro do Apocalipse há uma passagem que nos assegura que, seja qual for o nome que venhamos a ter nesta vida, na eternidade nós receberemos um novo nome, compatível com a nova vida que estaremos vivendo no céu, junto do nosso amado Deus, Senhor e Salvador Jesus Cristo (Ap. 2.17; I Jo. 3.1-3)

Contudo, não poderíamos encerrar este assunto sem fazermos alusão ao texto clássico da apologética paulina que diz:

“Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho; o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema” (Gl. 1.6-8).

Bibliografia:

- 1- Para entender o Antigo Testamento, D. Estevão Bittencourt, Ed. Agir, S. Paulo, 1959.
 - 2- Nomes e Sobrenomes, Prof. Rosário Farani Mansur Guérios, S. Paulo, 1994.
 - 3- Os Nomes Próprios, S.M. da Silva Vieira, Lisboa, 1845.
 - 4- Idem.
 - 5- Antroponímia Portuguesa, J. Leite de Vasconcelos, Porto, 1928.
 - 6- Nomes de Batismo, J.J. Nunes, Lisboa, 1936.
 - 7- Introdução ao Estudo da Glotologia Românica, W. Meyer Lübke, 1916.
 - 8- Antroponímia Portuguesa, J. Leite de Vasconcelos, Porto, 1928.
 - 9- Vocabulário de Nomes Próprios, R. Bluteau, Lisboa, 1936.
 - 10- Pinocchio C. Collodi, São Paulo, 1957.
 - 11- Noms Propres, Bon de Coston, Paris, 1867.
 - 12- Dicionário Aurélio Buarque de Holanda.
 - 13- Os Nomes Próprios, J. M. da Silva Vieira, Lisboa, 1845.
 - 14- Nomes e Sobrenomes, Prof. Rosário Farani Mansur Guérios, São Paulo, 1994.
 - 15- Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Ed. Vida Nova, São Paulo, 2000.
 - 16- O Povo Bíblico, Daniel Rops, Porto, 1950.
 - 17- Os Nomes Próprios, J. M. da Silva Vieira, Lisboa, 1845.
 - 18- Idem.
 - 19- Dicionário de Nomes Bíblicos, Elias Soares de Moraes, São Paulo, 2004.
 - 20- Dicionário Hebraico-Português, Aramaico-Português, Sinodal, São Leopoldo, 1988.
 - 21- Lexicon Hebraicum__ William Gesenius
 - 22- Nomes de Batismo__ J.J.Nunes__ Lisboa__ 1936
 - 23- Nomes e Sobrenomes_ Mansur Guérios são Paulo 1994
 - 24- Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa _ Antenor Nascentes _ Rio de Janeiro – 1952
 - 25- Dicionário de Nombres Próprios, Gutierre Tibón, México, 1950.
 - 26- Dicionário de Nomes Bíblicos, Elias Soares de Moraes, Londrina, 2004.
 - 27- Os Nomes Próprios, J. M. da Silva Vieira, Lisboa, 1845.
- Bíblia Apologética, ICP (Instituto Cristão de Pesquisa).